

# COMUNICAÇÕES E INFORMES

---

## CARNAVAL: O *POTLATCH* DA SOCIEDADE COMPLEXA NO BRASIL

Angelo José Perosa

Carnaval de 1989. Joãozinho Trinta e sua *Beija-Flor* apontam na Marquês de Sapucaí com o enredo "Ratos e Urubus larguem minha Fantasia". A catarse se estabelece no sambódromo: mendigos sujos, fantasias rasgadas, urubus, um Cristo coberto de negro mostram "... a reflexão mais complexa e mais pungente que jamais se vira sobre este país, o lixo de sua riqueza iníqua, a miséria e o luxo de seu povo"<sup>1</sup>. Foi esta outra leitura do mundo que levou uma professora de Antropologia da FFLCH da USP durante cinco anos ao barracão da *Beija-Flor*, aos ensaios na quadra em Nilópolis e à casa de componentes da escola, em Mesquita e Olinda, na conhecida Baixada Fluminense.

Nesse mesmo ano de 1989, a Profa. Maria Lucia Montes conheceu Valtemir Valle - que a partir de então se transformaria para ela num desses "informantes excepcionais" de que fala a literatura antropológica - um apaixonado por carnaval e fotografia, que desde 1987, trabalhando no barracão, documentara o processo de produção do carnaval da *Beija-Flor*, o cotidiano dos artesãos, a preparação do desfile da escola, sendo que a partir de 1992 seria ele próprio um dos produtores desta imensa festa chamada Carnaval, ao assumir a função de carnavalesco no *Bloco do Anil* em Jacarepaguá.

Foi assim que Valtemir formou um imenso

arquivo ou, melhor ainda, uma inquietante memória da escola de samba *Beija-Flor* de Nilópolis. E foi graças à antropóloga, pesquisadora da criação de Joãozinho Trinta na escola nesse período, que se tornou possível apreciar esse acervo, em uma enorme exposição, *Oficinas do sonho: a Beija-Flor vista do barracão*, que pode ser vista no Anexo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, no *campus* universitário, entre o final de 1993 e início de 1994.

A característica fundamental do trabalho de Valtemir é "a familiaridade de quem tem o domínio integral da situação que registra, por dela ser parte" e, ao mesmo tempo, um extraordinário distanciamento que a condição de fotógrafo lhe confere, pois, durante anos, em seu trabalho de decorador, montando adereços de vários carros e supervisionando de modo informal o trabalho de todo o barracão, acabou por se converter em um duplo de Joãozinho Trinta e, paradoxalmente, também da antropóloga que acompanhava a produção do carnaval, sendo ele próprio sujeito e objeto de uma "observação participante" absolutamente "selvagem".

Assim, *Oficinas do Sonho* não constituiu apenas uma exposição fotográfica convencional, mas muito mais. O que a exposição mostrou foi uma etnografia visual que dispôs em 80 painéis, num "resumo" de aproximadamente 1200 fotos, o trabalho fotográfico de Valtemir, acrescentando-lhe cerca de 40 desenhos de carros e figurinos feitos por Cláudio Medeiros, entre 1987 e 1991, a partir das indicações de Joãozinho Trinta, além de uma espécie de "caderno de campo" do aderecista e fotógrafo, registro do andamento da produção do carnaval no barracão, através de croquis de montagem dos carros, pedidos de material ao almoxarifado, organização das equipes de trabalho etc.

Todo esse material foi ambientado num espaço que, graças à sensibilidade do artista plástico Gabriel Borba, reproduziu no Anexo do MAC-USP a planta de uma capela românica, colocando, porém, no lugar do altar, um grande "totem", com a figura de Joãozinho Trinta surpreendido no sono, deitado em um dos carros ainda em confecção, fazendo presentir o "sonho" do carnavalesco que o trabalho do barracão deve a cada ano transpor para a realidade, para que a escola venha a

---

1. Todas as citações foram extraídas do "Projeto" e do "Roteiro" da exposição, das legendas dos painéis de fotos, do artigo "Oficinas do Sonho", publicado na revista *Design e Interiores* (No. 36, outubro 1993) e do texto "Uma etnografia selvagem", que abre o belo catálogo da exposição de que a Profa. Maria Lucia Montes foi curadora. No catálogo encontram-se ainda textos da Profa. Marlyse Meyer, que comenta o significado da criatividade do trabalho no barracão, e da Profa. Myriam Lifchitz Moreira Leite, uma historiadora que vem se especializando no trabalho com fotografias e que assinala a importância desse material para o resgate da memória e da história do carnaval, destinado, pela sua própria natureza efêmera, a perder-se sem esse registro. Por fim, o diretor teatral Amir Haddad, que por três anos trabalhou com Joãozinho Trinta no barracão da *Beija-Flor*, comenta os pontos de contacto entre a arte do carnaval e o seu teatro de rua, mostrando a transitividade das linguagens nas quais se expressam essas grandes *performances* populares.

brilhar na avenida. Se a isso se acrescentar a primorosa trilha etnomusical de Tiago de Oliveira Pinto feita especialmente para a exposição - arranjando numa bela composição os fragmentos sonoros que perpassam o cotidiano do barracão, dos sons de trabalho a árias de ópera, do toque de candomblé ao noticiário da TV, dos Maracatus à bateria da escola -além de vídeos com entrevistas do carnavalesco da *Beija-Flor* ou de especialistas comentando sua obra, e a gravação dos próprios desfiles da escola nos carnavais de 1989 a 1992, ter-se-á uma idéia do esforço de recriação do ambiente e do significado do carnaval que a exposição pretendeu trazer aos visitantes do MAC.

Foi através dessa montagem que Valtemir e a Profa. Maria Lucia revelaram-se capazes de dar sentido a esse imenso material coletado pelos dois pesquisadores ao longo de cinco anos de trabalho e, ao mesmo tempo, de refletir sobre ele, articulando em uma totalidade integrada os diversos espaços - físicos e sociais - por onde se “espalha” a escola de samba.

A possibilidade de expressar em um discurso visual esta reflexão está exatamente na colaboração entre o aderecista e a antropóloga. Valtemir, por ser alguém “de dentro” da escola e do mundo do samba, conseguiu apreender na malha fina do cotidiano as múltiplas redes de sociabilidade que aí se cruzam, realizando assim a mais completa documentação fotográfica de um universo de pesquisa que um investigador “jamais imaginaria poder realizar por si próprio ou, menos ainda, encontrar já pronta e acabada”. O material obtido revela um estranho mundo, quase desconhecido, onde se cruzam personagens como artistas plásticos e operários anônimos, técnicos da TV Globo e donos de empresa, bicheiros e políticos, *sociáites* e mulheres comuns da periferia carioca, marginais e ex-policiais saídos dos porões da repressão, gente de santo e uma infinidade de outras gentes de samba, “que o trabalho comum converte em artesãos, nessas oficinas do sonho” do barracão da *Beija-Flor*.

No entanto, é preciso reconhecer que, sozinho, todo esse material não “falaria” por si próprio. Assim, o outro ponto a ressaltar é o tratamento dado ao roteiro da exposição pela Profa. Maria Lucia que, ao dividi-la em três partes - “Os artesãos do sonho”, “Redes e Enredos” e “A glória do efêmero” - procurou ordenar em narrativa, como o próprio samba-enredo das escolas, o emaranhado complexo das múltiplas redes de sociabilidade que sustentam a produção do desfile de uma escola de samba, permitindo agora ver no barracão um microcosmo da sociedade carioca e, mesmo, talvez, brasileira.

No primeiro terço da exposição, “Os artesãos do sonho”, encontrava-se o barracão, onde nos era mostrado o processo de montagem dos carnavais da *Beija-Flor*, percorrendo a elaborada confecção dos

carros alegóricos, adereços e fantasias, e onde podíamos ver os artesãos e operários ao lado de gigantescas alegorias, que faziam qualquer arquiteto ou engenheiro ficar estupefato, tal a mistura de precisão de trabalho e fragilidade que caracteriza os carros, essas estranhas “edificações móveis”. Nesta mesma sequência, víamos ainda a remontagem da escola inteira para o “desfile das campeãs”, que prolonga até o próximo fim de semana os três dias em que duram as festas do reinado de Momo e, depois, o lento processo de desmontagem, que anuncia a preparação do próximo carnaval.

A segunda sequência, “Redes e enredos”, trazia a *Beija-Flor* localizada no espaço social por onde se estendem as redes de sociabilidade que nela se integram, das relações de vizinhança no Catumbi, onde se localizava nessa época o barracão, e na “comunidade” de Nilópolis, centro da escola, até o mundo dos destaques, gente famosa da TV, do *high society* e da política. Mas, sobretudo, essa sequência trazia a rotina do cotidiano do barracão, que mostrava o lado para mim mais tocante desse mundo da escola de samba, permitindo-nos surpreender artesãos, operários, sambistas, bicheiros, Joãozinho Trinta, artistas, em seus momentos de descanso e devaneio, em meio à festa e o sofrimento, quando um incêndio destruiu em poucas horas quase um ano de trabalho, nos instantes de exibição da vaidade ou nos conflitos do dia-a-dia, ou seja, no fluxo da vida que percorre uma escola de samba durante o ano inteiro, onde pessoas investem o que há de melhor - e às vezes de pior - em suas vidas para que a escola esteja pronta e afinada para os dias de folia.

O último terço só poderia mesmo se chamar “A glória do efêmero”, consistindo em uma reflexão sobre o sentido desse gigantesco esforço de trabalho investido na produção do carnaval de uma escola de samba. Parte crucial da exposição, aí se mostravam os imprevistos aos quais deve saber responder a escola, como acidentes ou quebra de carros a caminho do desfile, a quase inacreditável quantidade de lixo acumulado ao fim de um trabalho de que quase nada deverá restar, já que muito pouco do material será aproveitado para o ano seguinte, o que faz também adivinhar os astronômicos custos da produção do carnaval de uma escola de samba. Era desse caos sem lógica aparente que emergiam, depois, no desfile, políticos e bicheiros, trabalhadores anônimos e gente famosa envergando suas fantasias, “artesãos no barracão, destaques na avenida”. E, ao longo de todo o ano, a colaboração e o debate entre intelectuais e artistas anônimos que se encontravam através do trabalho no barracão, mostrando os caminhos por onde se cruzam o erudito e o popular. Com certeza o ponto mais importante deste terço final consistia nas sequências designadas como “A educação pelo sonho”, onde víamos o aprendizado de trabalho desenvolvido no barracão e a

transmissão desse saber entre as escolas, mas sobretudo onde víamos Joãozinho Trinta construindo a sua *Flor do Amanhã*, a escola de samba mirim em que crianças abandonadas e carentes remontam o sentido de sua própria vida, através da criação do carnaval.

Esta etnografia visual que a exposição apresentou só se tornou possível graças ao encontro profícuo entre a Profa. Maria Lucia e Valtemir, esse artesão do barracão que, através da “visão perspectiva e do enquadramento do real pelas leis da câmera escura”, soube construir uma imagem tocante da realidade de uma escola de samba, cuja lógica, no entanto, só desvendamos graças ao conhecimento da antropóloga que ordenou em narrativa o material. Juntos, eles conseguiram resgatar a obra de João Clemente Jorge Trinta e o processo de criação de um barracão de escola de samba, cuja organização faria inveja à produção capitalista, mas que é comandada por uma “outra” lógica, inteiramente

estranha a ela.

É, pois, no sentido do trabalho que se descobre o significado profundo da criação no barracão e do próprio carnaval. Um trabalho “feito para o consumo, não a acumulação, obra destinada à evanescência imediata no uso, não à preservação ou a troca no mercado: rito de inversão, o carnaval reflete e refrata formas de trabalho e produção que fazem do homem instrumento e não fim, sem permitir-lhe recriar-se a si mesmo, a apropriar-se do mundo que o cerca. Esta é a lógica do desperdício que, como em outras sociedades, dionisíacas e “primitivas”, reinventa um imenso *potlatch*, para oferecê-lo à glória do efêmero”. Um *potlatch* recriado nas condições da sociedade complexa do Brasil que, entre tantas imagens de miséria e violência através das quais o país é retratado, nos traz a outra e comovedora face da alegria e da esperança que também são parte da vida de seu povo.

## FICHA TÉCNICA

*Universidade de São Paulo*

Reitor: Prof. Dr. Flávio Fava de Moraes

Pró-Reitor de Cultura e Extensão: Prof. Dr. Sebastião Timo Iaria

*Museu de Arte Contemporânea*

Diretora: Profa. Dra. Ana Mae Barbosa

*Divisão de Exposições Temporárias*

Diretora: Maria Izabel M. R. Branco Ribeiro

*Exposição: “Oficinas do Sonho: a Beija-Flor vista do barracão”*

Projeto: Maria Lucia Montes e Valtemir Valle

Curadoria: Maria Lucia Montes

Documentação Fotográfica: Valtemir Valle

Documentação Fotográfica Complementar: Arquivo Roberto Carlos Martins. Arquivo Maria Lucia Montes. Fotos: Maria Lucia Montes, Adrian Pohlit, Rosali Telerman

Desenhos: Cláudio Urbano Medeiros

Documentação Etnomusicológica e Sonorização: Tiago de Oliveira Pinto

Vídeos: TV Cultura, Oficina Três Rios, SESC-Pompéia

Desenho da Exposição: Gabriel Borba

Supervisão de Produção: Angelo José Perosa

Projeto Gráfico: Camila Fix Korbivcher

Estagiários: Darlene da Silva B. de Oliveira, Elaine Cristina Rodrigues, Ricardo Pessoa Gomes, Roberta Pinheiro Asses

Ampliação Fotográfica PxB: Marco Aurélio Olímpio e Gil Hungria (reproduções)

Ampliação Fotográfica Cor: Labtec

Editoração Eletrônica: Braque Produção Visual Gráfica

Fotolito: Elograf

Impressão: Litocamp

*Apoio*

Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

Dpto. Antropologia- FFLCH - USP

Laboratório de Recursos Áudio-Visuais em Antropologia - Dpto. Antropologia - FFLCH - USP

*Patrocínio*

Banespa, Splice, Byk Química e Farmacêutica Ltda., Klabin, Leo Madeiras e Ferragens, Kodac, Eletropaulo, Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, Dpto. Antropologia - FFLCH - USP